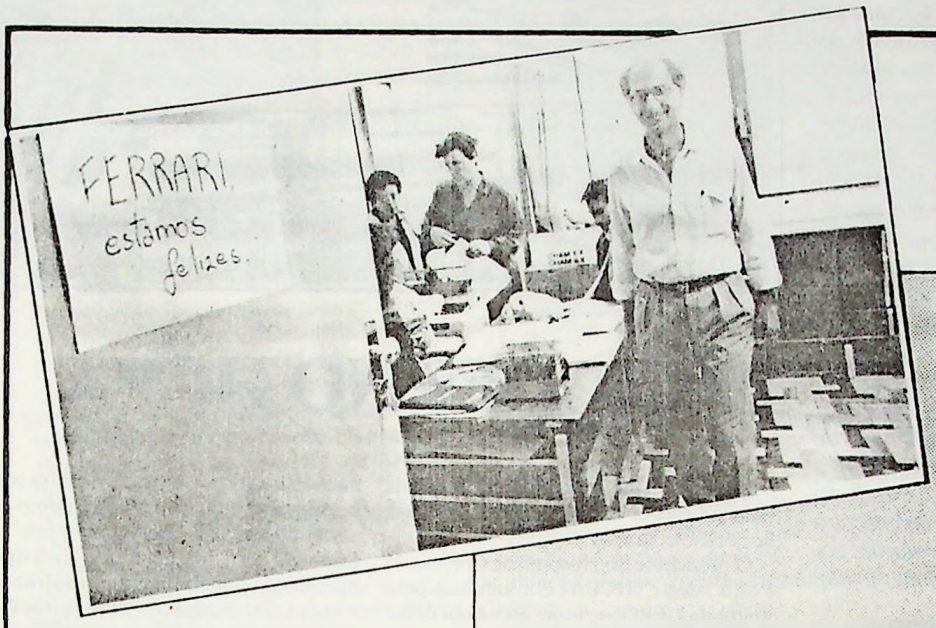
SABi
UFRGS 05914969

O BISTURI

CENTRO ACADÊMICO SARMENTO LEITE

ANO 43

MAIO 1988 nº 02



Biblioteca
FAMED/HCPA

ENTRAVISTAMOS O FUTURO REITOR

E MAIS

Editorial página 02
Frentes de trabalho página 03
ENEIH página 04
O futuro da Nação página 04
Diário do Vietnam páginas 08 e 09
Secretarias página 10
Cultura/Humor página 11

CLÍNICAS: ENFIM UMA LUZ

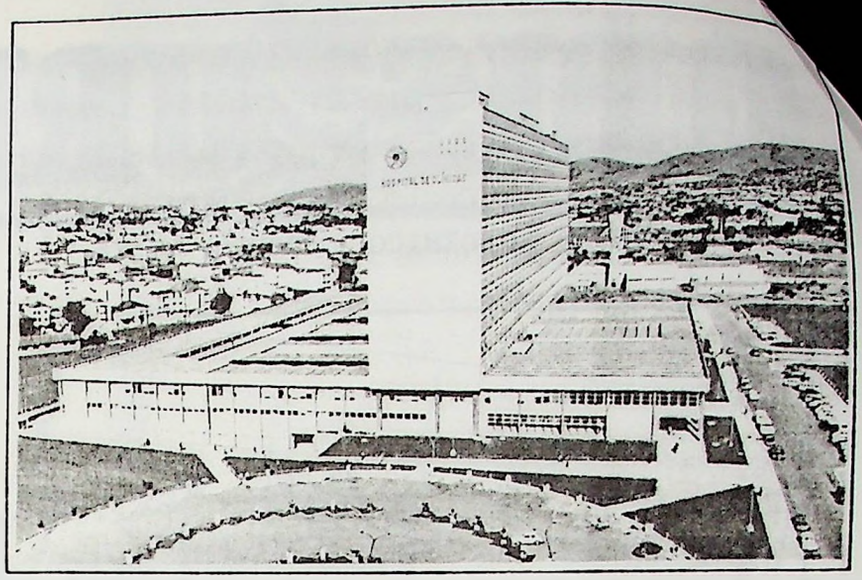
EDITORIAL

Após o ressurgimento de "O BISTURI", depois de um ano e sete meses, a Comissão Editorial pretendia recuperar um espaço aos estudantes, a fim de que estes pudessem manifestar suas críticas sobre a Faculdade, a Universidade, o meio social, o país, enfim, um espaço livre para a opinião, culturalmente por poemas, poesias, caricaturas, desenhos e muito mais. O resultado foi positivo, considerado o "estase" político-cultural por que passa o meio acadêmico, reflexo de um processo de desvinculações com o meio no qual o estudante insere-se, fruto da Reforma Universitária de 1968 — na medida em que foram preparadas matérias sobre assuntos de "interesse geral da nação" pelos estudantes da FAMED e pelo fato de ser despertado o interesse em outros estudantes de escrever para os próximos números. Assim, convidamos os estudantes da FAMED a ocupar este espaço singular e de grande importância, escrevendo suas críticas e manifestações culturais.

Para este número, apresentamos uma entrevista com ALCEU FERRARI, candidato à Reitoria da UFRGS que apresentou maior votação da Comunidade Universitária, o que certamente não é sinônimo de o novo Reitor da UFRGS, por motivos de quem não vê é porque não quer fazê-lo, haja visto a atitude do Ministério da Educação quanto a UFBA, ao indicar o candidato que ficou em quinto lugar na votação, como que forçando a Universidade a parar suas atividades.

Aqui na UFRGS, segundo algumas especulações, e segundo o conhecimento da política voltada a certos interesses reacionários empregada pelo Governo Federal, o destino não será diferente. O Ministério da Educação, quando questionado a respeito da situação da homologação (ou não) do Novo Reitor, declara que a posição está indefinida e que a Comunidade Universitária não deve apressar a escolha. Porém, sabe-se que há uma tentativa de acerto com o quarto colocado da lista, Otto Cibys — por coincidência (ou não?) o único dos candidatos que não quis assinar o compromisso de renúncia ao primeiro colocado da lista, o qual bem sabemos representa os interesses da manutenção da situação pela qual passa a Universidade brasileira, o que não é fruto de alguma obra dos céus, certamente. Tal é o interesse do Ministério de estabelecer compromisso (que podemos dizer conchavo) com aqueles que assumem uma postura conservadora para com a Universidade, que tentou estabelecer vínculo com o quinto colocado da lista (será que eles têm fixação no número cinco — cinco anos, quinto lugar?), Hélgio Trindade. Este último, para não comprometer-se contra sua palavra e honrar o compromisso escrito, retirou seu nome da lista sêxtupla. Além disso, o Ministério da Educação, segundo especulações, pretenderia nomear oficialmente o novo Reitor somente no final do ano, sendo a Reitoria administrada até lá pelo Vice-Reitor, Gerhard Jacob, nome ligado ao atual Reitor Ferraz (outra coincidência?). Assim, eliminaria a possibilidade de mobilização por parte da Comunidade Universitária, já que estaria de férias.

Assim, na eminência de sermos literalmente engambelados, mesmo com FERRARI afirmando sua confiança na homologação de seu nome, a Comunidade Universitária está se organizando em Comitês, a fim de preparar desde já a administração Ferrari e de mobilizar a própria Comunidade para exigir que seja dado o primeiro passo de um longo processo de redemocratização da UFRGS. Este, não se recebe, conquista-se.



ELEIÇÕES NO HCPA

Há muito tempo era uma das principais reinvindicações da comunidade de nosso hospital-escola.

O presidente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) era indicado pelo Reitor da UFRGS e, hoje, após anos de luta, correntes com o anseio de democratização de universidade o processo de eleições diretas, para a escolha desse, vai sair.

Sabemos que eleições, por si, não garantem que uma instituição se torne mais ou menos democrática e responsável para com as pessoas que nela convivem ou que nela usufruem. Mas, sem dúvida, é num processo assim constituido, para a escolha de seus dirigentes e representantes, que já começamos a estabelecer os rumos da mesma e é esse passo o marco inicial na construção de uma administração participativa de todos os segmentos que compõe a comunidade do Hospital de Clínicas. É o momento de procurar o comprometimento e participação de todos na tomada de decisões, e ultrapassar a concepção de que a responsabilidade acaba após colocar o voto na urna.

É claro que para ocorrer um engajamento maior se faz necessário parar de fingir democracia, como aconteceu nas eleições para reitor da UFRGS, onde desde a sua origem o processo jogou para o imobilismo e não discussão. Não houve a intenção politica de promover um processo de aprofundamento maior sobre os problemas da universidade e das diversas idéias a respeito da mesma, ao contrario, tentou-se de todas as formas impedi-lo. Cabe ressaltar também o desrespeito para com funcionários e alunos enquanto membros da universidade, não sendo estes menos importantes do que os professores.

Para que este processo se construa com caráter verdadeiramente democrático é necessário retomar discussões como a questão do voto universal, se esta não seria a melhor de acabar como espírito de corporação que atualmente tem decidido os rumos de nossa instituição, e retomar para todos a concepção mais ampla a respeito de que o HCPA é uma instituição de ensino e assistência tendo responsabilidades para com a formação médica e para com a população à qual serve. Outro ponto a ser discutido é como buscar, também, uma forma de participação mais efetiva da comunidade, população, que usufrue dos serviços do hospital, na administração do HCPA, podendo criticar e contribuir na melhoria deste serviços.

A hora é de chamar o hospital a assumir sua responsabilidade para com o sistema de saúde, que espaço este ocupa e intervir na organização do mesmo Estabelecer um sistema de referência e contra referência com os postos de periferia. A questão do ensino de graduação também é de fundamental importância, hoje, o que vemos é um não comprometimento para com o mesmo. Sendo este deixado em planos inferiores. É necessário reformular os espaços da graduação tendo os serviços do hospital responsabilidade para com o mesmo.

O chute inicial já esta dado, as varias entidades representativas dos diversos segmentos do hospital Faculdade de Medicina, Faculdade de Enfermagem, associação dos médicos contratados, Associação do Médicos Residentes, Associação das Enfermeiras Associação dos Médicos assistentes, Centro Academico Sarmento Leite, Diretório Academico da Escola de Enfermagem e ABECLIN, se reuniram e tiraram por consenso a comissão eleitoral que dará seguimento ao processo, estando assim constituida:

1 representante da AMA, 1 representante da AMECON, 1 representante da AMERHCPA, 1 representante da Faculdade de Medicina, 1 representante da Faculdade de Enfermagem, 1 representante da associação das Enfermeiras, 1 representante do CASL, 1 representante do DAEE, 2 representantes dos funcionários.

Nossa contribuição, dependerá de nossas articulação e do estabelecimento de nosso programa de reivindicações incorporando à eles as reivindicações justas dos outros seguimentos. Para isso participe das reuniões de diretoria do CASL segundas-feiras às 18h de outros fóruns que serão chamados para discutir.

O que são as frentes de trabalho?

Biblioteca
FAMED/HCPA

A idéia das Frentes de Trabalho surgiu no ECEM de Fortaleza em 1986, sendo reforçada no ECEM seguinte em Campinas. Desde as primeiras vezes em que foram pensadas, queriam aproximar os estudantes das realidades da população, e criar junto com comunidades um trabalho novo em termos de saúde. Este, fundado levando em conta suas condições de vida, seus valores culturais, religiosos e pessoais, suas necessidades e aspirações. Esse trabalho também tem como propostas abrir caminhos para autenticar a transformação da formação médica, e trocar conhecimentos com essas comunidades, relacionados com atenção primária em saúde, na medida em que se tentava desenvolvê-la.

As primeiras Frentes de Trabalho aconteceram no estado do Ceará, em Fortaleza (favela do Pirambu), São Gonçalo e Trairi, sendo as duas últimas localidades rurais. O trabalho desenvolveu-se em janeiro e fevereiro de 1988.

Respeitando a sua dignidade e, ao mesmo tempo, despertando as pessoas a construírem, a "darem vida" ao trabalho conosco, visitávamos as famílias, encontrávamo-nos em reuniões de saúde, e dávamos cada passo juntos. Passos estes que foram: apresentação recíproca, conhecimento da comunidade, visitação de casa em casa — o que continuou até o fim, definição em reuniões dos principais problemas de saúde (saúde esta que eles próprios nos diziam envolver não só as doenças mas também outras coisas como a ausência de luz, a não coleta do lixo, a falta de água, a falta de escola, a falta de segurança, a exploração do trabalho agrícola das mulheres numa das zonas rurais — mão-de-obra barata), e depois levantamento do perfil e escolha, pela comunidade, de seus agentes de saúde (pessoas que, acompanhadas pelos estudantes do Ceará, tendo uma formação, dariam continuidade às visitas e acompanhamento da saúde das famílias e da comuniade como um todo). Durante todo o tempo, também acompanhávamos, como podíamos, os casos de doença, como as crianças com diarréia e desidratadas, ajudando a encaminhar quando necessário.

Éramos claros dizendo-lhes que não tínhamos soluções prontas, mesmo porque defendíamos que elas não dependiam só de nós, mas da vontade, capacidade e esforço deles igualmente, para descobrir seus caminhos. Também pensávamos que ninguém melhor do que eles que sofrem dia-a-dia os problemas para situar tentativas de melhora.

Um dos momentos marcantes do trabalho foi o levantamento que fizemos de remédios caseiros que eram conhecidos e usados, uma vez que facilitou inicialmente a compreensão de que podíamos aprender juntos (mais tarde montamos um pequeno manual que ficou com os agentes de saúde para passagem para todas as famílias).

As vivências que tínhamos eram importantes na reavaliação quase diária do que estávamos fazendo, até onde poderíamos chegar e como realmente não iria morrer o que nós (estudantes, agentes de saúde, pessoas da comunidade) estávamos semenado, na reavaliação de qual a melhor maneira do trabalho crescer acompanhado por todos nós. Para nós, estudantes, não teria sentido sairmos de lá (muito) enriquecidos, como saímos, sem nada questionador, transformador, ficasse na comunidade.

Voltamos de lá com uma experiência do que significa não acreditar nos "serviços de saúde" a ponto de se preferir que os filhos morram em casa ao invés dos hospitais, ou ao invés de voltarem deles somente com um pouco mais de tempo e sofrimento. Trazemos mais vontade de continuar trabalhando para tornar mais verdadeiro o que venha a "ser médico" diante disso, o que venha a ser curar e cuidar da saúde das pessoas.

João Batista Borges Sobrinho — ATM 92/2
Pela FAMED — UFRGS forma para a Frente:
Lúcia, a "pedagoga fã do Paulo Freire" — 2º semestre
Lisiane — Lisi — 2º semestre
Luciane — Lú cantora — 2º semestre
Rosicléia — Rosi — 2º semestre
João Batista — Joba Sam — 3º semestre
Luis Fernando — "o atópico" — 3º semestre
André Cecchini — "gigante" — 3º semestre
Luis Paulo — Luisão — 3º semestre
Marsal — "o homem do chá — 3º semestre

É paranóia?

Moranguinho 10º semestre

...mesmo a pequena porção da população, aquela que tem condições de sacar as tramóias do sistema, custou para entender a Indústria da seca no Nordeste; o porquê o Nordeste não melhorava as condições para seu desenvolvimento, as condições não eram apenas físicas e climáticas, mas porque existiam interesses em manter a população na mais absoluta miséria, enquanto os coronéis grileiros mantinham seus grandes latifúndios, cultivando a monocultura do cacau ou do açúcar, tendo mão de obra barata, não tende concorrência no mercado e se tornando donos absolutos do Nordeste, sem qualquer ameaça aos seus poderes.

Agora, no "sul maravilha" assistimos mais um capítulo da tão repetida indústria da fome, quando as nossas autoridades deixaram estocadas toneladas de leite em pó até estragar, enquanto boa população passa fome (para manter o povo na fome) e o governo Sarney fica fazendo absurdos acordos nucleares com o governo Alfonsin.

Assim como existe a Indústria da seca, Indústria da fome, Indústrias da miséria humana, existe também a Indústria da ignorância e não pensem que é só a Rede Globo ou a RBS que se encarregam dela, a nossa Universidade também tem sua grande missão em produzir ignorância com o nome de "cultura". A nossa Universidade e os nossos cursos, principalmente Medicina, não Têm nada a ver com cultura, a coisa é puramente técnica. O que a gente aprende não é medicina, são somente técnicas importadas dos imbecis doutores americanos, que não passam de técnicos bem comportados e alienados, e é assim que somos formados, é para isso. Quero exemplificar com apenas um aspecto: — a relação professor-aluno ou médico paciente é tratada com grandes discursos de respeito, compreensão, etc.., mas o que importa é que na prática são relações altamente autoritárias, desqualificante tanto para o aluno como para o paciente; o paciente é taxado com todos os preconceitos e tratado como ignorante e o aluno da mesma forma fica a depender dos professores que se acham os donos do saber, não podendo ser contrariados. É assim eles decidem, formam aquela imbecil comissão de carreira para decidirem sobre o destino de nossas cabeças e a manutenção da ordem fascista da nossa faculdade, condicionando-nos a meros aprendizes do que eles bem entendem. Esta é a Indústria formada para acabar com a cultura. Se você não concorda, me responda porque nem se pode cogitar qualquer forma de medicina alternativa nesta faculdade?

É por esta razão que não podemos simplesmente aceitar a formação curricular que os professores nos passam, pois a grande maioria deles representa exatamente a manutenção desta estrutura médica militar que recai sobre nós. O que estes doutores-professores fazem para mudar a relação professor-aluno? Aceitar significa que tu aprendeste direitinho a lição que eles quiseram te passar, **te ensinaram a ser um milico pro sistema.**

Eneih: crítica à prática médica atual

Mais do que visar a reunir um grupo de estudantes interessados em Homeopatia e práticas alternativas de saúde para fins profissionais individuais, o ENEIH coloca-se frente a uma concepção hegemônica dentro da sociedade moderna de atenção à saúde e preparação de recursos humanos, concepção estruturada historicamente a servir ao sistema sócio-econômico dominante.

O ENEIH deve vir de encontro, enquanto manifestação estudantil, ao paradigma dominante da prática médica moderna, entendendo paradigma como a concepção marcante que se encontra por trás das atividades humanas. Este paradigma, dominado pelo positivismo, corrente ideológica que firma-se na concepção de que a percepção do mundo independe do mundo humano que o percebe, perpassa as atividades da ciência moderna, influenciando decisivamente a prática médica, a qual não reconhece o papel da sociedade, da cultura e da história na determinação do objeto de conhecimento (ser humano), como na maneira de abordá-lo. Baseada neste paradigma, a prática médica moderna, tal qual a ciência moderna, influencia-se pelas forças sociais dominantes no meio social em que atua. Desta forma a ciência serve ao sistema para reproduzir conhecimento, impossibilitando-se de chegar ao novo conhecimento, o qual poderia desestruturar o sistema. Assim, a ciência diz-se neutra, não identificando os interesses aos quais serve, sem preservar uma autonomia que a torna-se capaz de propor conhecimentos novos dentro de uma visão crítica.

Pode-se dizer que a prática médica tecnológica, desenvolvida a partir da Revolução Industrial, tornou-se hegemônica por ser mais compatível com o desenvolvimento capitalista, diante da valorização do lucro e domínio da natureza, à medida que, com a intervenção maior sobre o corpo humano, pôde moldá-lo às necessidades de produção, com a ênfase à relação individual médico-paciente, corroborou com o individualismo da época, e com sua sofisticação pôde sintonizar-se com o sistema de acúmulo de capital.

No decorrer do processo de desenvolvimento da prática médica moderna, houve uma ruptura mecanicista entre o corpo e a mente, entre as partes do corpo e entre o indivíduo e o contexto social, e consequentemente a concepção da doença desinseriu-se do fator social, não se dando valor aos hábitos de vida e de trabalho sobre o estado de saúde de um indivíduo. Com tais propósitos a doença deixou de ser encarada como um distúrbio envolvendo uma totalidade biológica inserida num contexto sócio-cultural, passando a ser diagnosticada como uma correlação objetiva de sintomas, sendo irrelevante os sentimentos próprios do paciente, e passando a ser tratada com a intervenção no processo fisiológico humano, através de quimioterápicos e tornando o indivíduo um ser manipulável pelo médico (sendo todo-poderoso na relação médico-paciente e funcionário de manutenção do sistema).

"A Medicina Ocidental ocupa-se unicamente de aliviar o corpo dos doentes e, de forma alguma, de extirpar as causas das doenças que são em grande parte os vícios; pode-se mesmo dizer que ela os cultiva, oferecendo aos viciados os meios de desfrutá-los com menores riscos. Ela contribui, pois, para desmoralizar um povo, ela o efemina com suas receitas de magia negra, que o desviam de uma disciplina heróica do corpo e do espírito" (GANDHI).

A Medicina moderna precisa, portanto, recuperar-se da crise de seus paradigma, ao descontextualizar o indivíduo, de seu meio, perdendo uma visão unificada do mesmo, quando comparada com as medicinas orientais e ocidentais anteriores às Revoluções Burguesas. Em termos concretos, a transformação não seria puramente epistemológica, mas inevitavelmente POLÍTICA.

Com este processo de desenvolvimento irracional capitalista, os males passaram a ter suas causas fundamentadas nas condições de vida e trabalho dos indivíduos, enquanto a Medicina correlacionava a doença com o fator etiológico unicausal, tornando-se uma "racionalização para não lidar com as causas verdadeiras das doenças num modo que pudesse ser disfuncional com o modo de produção capitalista" (Berliner). Em grande parte, esta incompatibilidade da prática médica com as necessidades da população pode ser verificada também nos países socialistas, onde mesmo socializando os meios de produção, o paradigma da prática médica está a serviço dos meios de produção. Como exemplo, pode-se citar o caso de Cuba, onde mesmo a Medicina tendo tomado uma visão mais social da concepção de processo saúde-doença, a terapia dominante é a tradicional (alopatia e enantiopatia), sendo as outras práticas renegadas no sistema de saúde cubano. Vê-se, assim, que uma revolução sócio-econômico não é suficiente para revolucionar as idéias e a cultura, sendo necessário estabelecer-se uma revolução contínua.

A partir desta última consideração, fundamento a importância da organização estudantil na área da saúde, a fim de criar uma contra-hegemonia à massificante prática medica tradicional.

Penso que o ENEIH deve, também, incentivar a pesquisa nas práticas alternativas de saúde, a fim de comprovar, ao menos empiricamente (visto que, para provar que determinada terapia restabelece o equilíbrio de um indivíduo, enquanto que as terapias tradicionais erradicariam apenas os sintomas deste desequilíbrio, é empiricamente e imediatamente difícil), a eficiência dessas práticas no restabelecimento da saúde da população, a fim de que possam-se tornar alternativas reais. Mas algumas questões importantes devem ser postuladas: "Por que não tem havido uma evolução real no conhecimento das práticas alternativas?", "Dentro do meio profissional e universitário, encontram-se espaços para criticar cientificamente a Medicina hegemônica?", "Será que há interesses do sistema dominante que sejam desenvolvidas práticas que contextualizem o indivíduo no seu meio sócio-cultural, que ofereçam alternativas reais de restabelecimento da saúde e que, desta maneira, dispensem a sofisticação oferecida por indústrias farmacêuticas e hospitalares, às quais são fontes inesgotáveis de reprodução de capital?", "Será que com a atual prática alternativa elitizante e descomprometida socialmente, não se está afastando da possibilidade de comprovar sua eficácia à população, de evoluir seus conhecimentos e de lutara pela transformação social?" e "Será que o paradigma desta "Medicina Alternativa" difere muito ao prestar seus serviços a uma minima parcela da população, corroborando com o sistema dominante?". Ao final destas indagações, volto à conclusão de que as respostas são fundamentalmente políticas.

Outra importância fundamental de um ENEIH é de impôr-se dentro da luta de transformação do ensino na área da saúde, pois é através da formação de profissionais que a concepção de atenção à saúde é reproduzido. Parece evidente que a luta para que o ensino não se centralize na prática hegemônica não pode, nem deve, estar isolada da luta pela abertura às práticas alternativas no setor saúde, pela investigação e evolução do conhecimento das mesmas e pela transformação social. Assim, lutar para que tenhamos ensino de outras ações de saúde, enquanto os profissionais não tiverem campo de trabalho no sistema público de saúde, enquanto o conhecimento no qual se baseiam não evolui, sendo renegado pelo sistema dominante da Medicina Científica, e enquanto for descontextualizado com o sistema social, à medida que a maioria das pessoas não têm condições adequadas de higiene, alimentação e desenvolvimento psíquico, seria uma atitude conjuntural e imediatista.

Frente a esta situação, o Encontro Nacional de Estudantes Interessados em Homeopatia e práticas alternativas de saúde deve posicionar-se criticamente.

No último encontro, realizado em Goiânia, em fevereiro de 1988, ao qual estiveram presentes duzentas pessoas, houves um notório avanço na sua postura. Assim conclui-se, visto que, nos primeiros ENEIH's realizados, o interesse do encontro era servir de um meio informativo e formativo aos estudantes que buscavam conhecimentos em Homeopatia, a fins de sua própria formação. No XII ENEIH SENTIU-SE UMA possibilidade de avanço das práticas alternativas dentro do Movimento Estudantil, na medida em que avaliou-se a situação das mesmas no sistemas de saúde e de ensino. Após a avaliação foram elaboradas propostas de atuação, às quais eram ainda um germe, em posição a esta realidade. Desta forma, o ENEIH pretende passar a ter um prosseguimento, um contínuo avanço nas suas lutas, integrando-as ao Movimento Estudantil.

O XII ENEIH será realizado em janeiro/89, em Porto Alegre, e é nossa intenção avançar na postura do Movimento e, para iniciarmos o trabalho, formamos uma Comissão Organizadora, formada por interessados e representantes estudantis e à qual convidamos os interessados a participar.

As reuniões da Comissão são às terças-feiras, às 19 horas, no CASL do Hospital de Clínicas.

SAÚDE É TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

"Por uma sociedade que respeite o homem e a natureza"

Luis Felipe A. Berdichevski
Comissão Organizadora do XIII ENEIH

Adolescência brasileira: o futuro da nação?

Este artigo é para todos os alunos que cursam a cadeira introd. à psiquiatria II, onde dá um painel sobre adolescência e aqueles que estão entrando na Universidade, geralmente jovens no final da adolescência; destes, espero que olhem por tudo o que passaram e para aqueles com a mesma idade que vocês, mas que não tiveram a mesma oportunidade. Revisar em que situação se encontram. Serão eles, a maioria ou vocês, o futuro da nação?

Em maio de 1984 saiu na revista Veja uma pesquisa entre jovens de 15-24 anos com o intuito de analisar o comportamento do adolescente brasileiro.

A reportagem mostrava que os jovens de hoje não correspondiam ao tradicional estereotipo do rebelde-drogado-contestador-liberado, mas sim de tendências mais conservadoras. Colocava, ainda, uma divisão em cinco grupos:

— o "integrado", pobre, competitivo e individualista;

— o "conservador", contra qualquer tipo de novas idéias;

— o "moderno", consumista, na moda, esportista e apolítico;

— o "independente", reflexivo, liberal e preocupado com o crescimento pesoal.

E claro que a adolescência é muito maior que isso e seu Universo permite todo o tipo de opções, tendências e comportamentos, não sendo possivel simplesmente traçá-las em cinco perfis psicológicos.

O Brasil tem cerca de 130 milhões de habitantes e, apesar de serem um número muito significativo, os quase 30 milhões de adolescentes (10-20 anos) fazem parte de uma populaão esquecida.

Vamos dividir estes jovens em dois grupos: os das camadas médias e altas e o "restante". Sempre que ouvimos falar sobre estudos desta fase estamos, é claro, direcionando para o primeiro grupo. O "restante" são marginalizados da sociedade e dos comentários mais importantes.

Todos já ouviram falar nos anos 60, época das revoltas estudantis, dos hippies, do rock, do culto à liberdade, das drogas; no Brasil, este movimento chamado contracultura chegou atrasado e menos barulhento, mas junto veio a ditadura militar e muitos jovens se lançaram de corpo e alma na militância política e na guerrilha. a maioria, porém, continuava freqüentando a escola e comportando-se bem em casa, com seu projeto de ascenção social.

Anos 70 — tricampeonato no México, milagre econômico, censura, torturas, corrupção e vendas de fantasia de paz, progresso e patriotismo, o operiarado massacrado sofre mais. Foi nestes anos que a atual adolescência viveu sua infância. Parentes desaparecidos, educação sob um regime de censura e mentiras, sem o acesso sobre a verdadeira história do pais. Conviveram com uma política suja e corrupta, com o empobrecimento do pais, o arrocho das mesadas e muitas vezes a necessidade de trabalhar. Foram também envolvidas pela influência maciça dos meios de comunicação, principalmente a TV.

As opções e preocupações hoje parecem ser mais individuais, encontramos apenas alguns pequenos movimentos como o dos punks, entre adolescentes de baixa renda nos subúrbios paulistas. Segundo Antônio Bivar, eles estão "protestando contra o Sistema, contra a guerra, contra as instituições socias" de uma forma muito propria. Nas artes, temos o vídeo com novas idéias e métodos, grupos teatrais e musicais com propostas novas e diferentes. Muitos jovens participam em entidades pacifistas, cooperativas de vida natural, assumindo posição de defesa, de justiça social, aprofundando-se na ciência e no conhecimento alternativo.

Mas com a influência maciça dos meios de comunicação, uma grande parte transformou-se numa massa amorfa e moldável, são passivos, descompromissados e "na moda", formando o maior e melhor mercado consumidor.

A grande maioria valoriza o trabalho, o estudo e o casamento e são mal-informados sobre cidadania, mercado de trabalho, drogas, sexualidade, etc.

Mas, e o "restante"? São cerca de 7 milhões de menores abandonados, vivem em condições precárias ou subumanas. A maioria das crianças que conseguem chegar à adolescência apresentam: desnutrição, verminose, anemia, nanismo..., que prejudica seu desenvolvimento intelectual e físico. As escolas são poucas, inadequadas e muitos dos alunos vão a elas somente para comer a merenda, sua única refeição do dia (De cada grupo de 100 crianças matriculadas nos 2 primeiros anos escolares, 60 não passam de ano ou deixam a escola, apenas 17 concluem o 1º grau e somente uma chega ao 2º grau).

Aqueles que trabalham, ganham menos que o mínimo, e em número excessivo de horas, sem direitos e não sabem que estão sendo explorados. Muitas vezes criminosos se ocupam de seus serviços. Não há família feliz se não há comida. Pais em busca de sobrevivência não costumam dedicar tempo dos seus filhos. Isso quando não são alcoólatras, marginais ou doentes, ou quando não os espancam diariamente. Depois de bebê, é o adolescente que mais precisa de comida, pois está crescendo rapidamente. No entanto, não tem acesso à mesa e pasam fome. A maioria não tem direito ao lazer. Lazer exige tempo e especialmente dinheiro.

Sabemos ainda que muitos vivem em ambiente de promiscuidade, prostituição. A gravidez é freqüente e o aborto é a solução.

O adolescente pobre também vê-se cercado por estímulos de consumo: o mundo trata melhor quem se veste bem! É de imaginar como se sente, e as reações que despertam diante destas propagandas.

Existem alguns projetos (UNICEF, Igreja, Esposa ou irmã do governador) que têm conseguido uma pequenissima melhora, mas há necessidade de muito mais.

Para transformar realmente as condições de vida dessas crianças e adolescentes são necessárias reformas profundas na sociedade e no sistema ideológico. Essa transformação passa necessariamente pela melhor distribuição de renda e pela justiça social. Passa pela formação de pessoal especializado. Passa pela reforma radical no sistema de ensino, com a implantação de Educação Sexual e Educação para a Saúde. Pela ativação de centros comunitários com atividades educacionais, sociais, culturais e profissionalizantes. Pela fiscalização do trabalho do menor. Por uma assistência médica adequada para adolescentes e outras várias medidas.

Não é possivel que a sociedade continue cega a essa realidade. Não é mais aceitável que adolescentes brasileiros com condições de vida adequadas ignorem a existência de jovens como eles em situação de miséria absoluta, privados de todos os direitos, sem direito sequer a adolescência.

Este ano, 1988, o Governo do RS o instituiu como Ano Estadual do Adolescente. O estado, e o Brasil, têm uma divida enorme para com seus adolescentes. É preciso que ela seja resgatada, começando agora, já que 1985, Ano Internacional da Juventude, não houve muita mudança.

Mary T.J. Riche ATM 92/2

GRUPO FEMINISTA UNIVERSITÁRIO

Uma análise da história da humanidade nos tem demonstrado uma tendência generalizada de todas as sociedades em determinar papéis diferenciados aos sexos e a atribuir valores de prestigio às atividades desenvolvidas pelos homens. Esses valores são transmitidos pela família e instituições de ensino e os vários setores do conhecimento humano, a ciência, a arte e a religião são um reflexo de uma visão de mundo a partir do masculino a que mulheres e homens de maneira consciente ou inconsciente ajudam a perpetuar.

A relação entre o saber e o poder toma contornos nitidos quando nos detemos no episódio conhecido como "A caça às bruxas", que teve seu apogeu durante os anos que vão de 1550 à 1650 e que levou ao exterminio milhares de mulheres, para que a ideologia dominante pudesse se apoderar dum saber específico de uma minoria. Essas "bruxas" desenvolviam uma atividade paralela à magia natural praticada por sábios e eruditos. As mulheres detinham o conhecimento das propriedades das ervas ou plantas que tratavam das doenças físicas e mentais, além de acompanharem os trabalhos de parto e conhecerem métodos abortivos e contraceptivos, o que lhes conferia um prestigio que desafiava a classe médica. Desde o século XIV o ingresso na universidade era vedado às mulheres e a partir da "Caça às bruxas" elas foram excluidas de toda participação no saber.

O Grupo Feminista Universitário, formado por estudantes oriundas(os) das diversas faculdades, foi fundado em abril de 1987, com o objetivo de criar um espaço para o debate destas questões e para que através dele soluções pudessem ser viabilizadas no sentido de acabar com a discriminação sexual dentro da universidade. O grupo defende uma posição de autonomia com relação a partidos politicos ou entidades e está aberto à participação de estudantes de ambos os sexos.

As reuniões ocorrem as sextas-feiras no horário das 18h30min na sala do Diretório Central (DCE) e tem como prioridades para o ano de 1988 a elaboração de um dossiê sobre o aborto e um ciclo de debates aberto à toda comunidade a ter início em 14 de abril com uma panoramica sobre a história do feminismo. Maiores informações constam nos cartazes distribuidos pela Universidade e poderão ser obtidas através de contato direto com os membros do grupo durante as reuniões semanais.

Acreditamos que a posição da mulher na sociedade como cidadã de segunda classe é um fato histórico e como tal passível de mudança e reiteramos as palavras da escritora Anai's Nin: "Estamos mergulhadas numa apaixonante aventura: questionar todas as histórias, estatísticas e autobiografias para criar nosso próprio modelo".

GRUPO FEMINISTA
UNIVERSITÁRIO

Biblioteca
FAMED/HCPA

ENTREVISTA

O REI

O prof.º Alceu Ferrari, Diretor da Faculdade de Educação e candidato independente, com o apoio de um grupo de professores, estudantes e funcionários foi o mais votado, tanto absoluta quanto proporcionalmente para as eleições da Reitoria UFRGS. Com mais de 7.000 votos, 28% dos votos proporcionais, venceu os outros candidatos, já que o segundo colocado da lista sêxtupla, Manfroi, teve cerca de 3.100 votos, 25% no cômputo proporcional. No seu pilar votante teve na sua maioria estudantes, mas recebeu um bom número de votos entre funcionários e professores, que reconheceram em suas propostas a melhor alternativa para uma nova administração da UFRGS, centrada nas palavras "DEMOCRACIA e QUALIDADE".

E o CASL, após ter dado seu apoio à candidatura da Ferrari, procurou-o através de O BISTURI para uma entrevista que ocorreu em 27 de abril, pelos "repórteres" Marsal e Luis Felipe. Aqui ele expõe desde quando surgiu sua candidatura até os planos para uma nova gestão, passando por Estatuinte e Movimento Estudantil. Mas vamos à entrevista:

BISTURI — Prof. Alceu Ferrari, quais os motivos que o levaram a participar da campanha a Reitor da UFRGS?

FERRARO — Bem, a minha candidatura surgiu a partir de Dezembro de 87, quando fui procurado por um grupo de professores. Buscávamos, então, uma candidatura que representasse algo de novo e diferente em termos de administração, centrando nossos objetivos no processo de redemocratização da Universidade. Surgiu como uma candidatura independente, e, no começo, houve uma possibilidade, depois afastadas na chapa "Novos Rumos". Um pouco adiante, houve a integração de docentes, funcionários e estudantes, representados por seus órgãos representantes, que chegaram a um consenso que a candidatura apresentada seria a melhor alternativa para o momento, já que incluía redemocratização e participação dos 3 segmentos igualitariamente no processo administrativo da UFRGS. Agora, como primeiro da lista sêxtupla, cabe-nos preparar a nova Reitoria juntos, a partir da elaboração de um plano de administração pelos Grupos de Trabalho.

2

"É claro que a presença do Prof.º Gerhard influiu, mas havia outros pontos de diferenças de concepções para uma não-articulação"

1

BISTURI — Ferrari, o que houve realmente no processo de rompimento com a "chapa dos Diretores" (Novos Rumos)? É verdade que ela foi motivada pela entrada do Prof.º Gerhard Jacob na chapa, já que ele é ligado ao atual Reitor, sendo seu atual Vice?

FERRARI — Sobre isso, o que posso dizer é que, na verdade dos fatos, não chegou a haver uma articulação com o grupo dos Diretores, que colocou-se como chapa de oposição e, para a qual, em certo momento, fui sondado a respeito de participação. Portanto, não podemos dizer que houve um "rompimento", porque não chegou a existir uma articulação. É claro que um dos motivos que levaram a uma não-articulação com a chapa foi a presença do nome do Prof.º Gerhard Jacob, isso não podemos negar, já que há sérias diferenças de concepções. Deve-se ressaltar que isto foi apenas um dos fatos que se somaram para uma não-articulação, já que havia outros pontos de discordância de concepções com o referido grupo, o que tornava praticamente impossível um entendimento. No final, o que acabou acontecendo é que descartamos essa possibilidade e mesmo a Comissão Eleitoral designou apenas candidaturas uninominais, o que tornava não possíveis a formação de chapas, pelo menos oficiais.

BISTURI — Ferrari, qual a tua opinião sobre as Regras definidas pela Comissão Eleitoral para esta eleição para Reitor? E quanto a outras eleições, na tua opinião, qual é a melhor forma de representatividade?

FERRARI — Deve ficar bem claro que as regras que nos foram colocadas pela Comissão Eleitoral para esta eleição favoreciam a Situação, já que adotou-se um sistema de representatividade classista desproporcional, com 25% de representação para funcionários, 25% para estudantes e 50% para professores. Isto que conseguimos, na Comissão, aprovar esta proposta, já que a de 40:30:30 praticamente não foi colocada em questão e havia outras, como de 70:15:15 (Nota da Redação: esta proposta foi defendida pelo Prof.º Sady Corso, atual Diretor da Faculdade de Farmácia) e de 60:20:20. Penso então que no final até foi conseguido um avanço parcial em termos de representatividade. Quanto a outras eleições, penso que é muito difícil conseguirmos o consenso da Comunidade Universitária a respeito de adotar-se o voto universal. Em minha opinião, no momento, a melhor forma de representatividade é a classista com o voto paritário, igual valor/peso para o voto de professores, estudantes e funcionários. Portanto, 33:33:33 parece-me uma meta, um objetivo final a ser alcançado por todos nós.

BISTURI — Ferrari, quais as chances que vislumbras de ser indicado pelo Presidente da República (Ministério da Educação), como primeiro nome da lista que foi, ao cargo de Reitor?

FERRARI — Penso que, antes de tudo, o Ministério da Educação saberá entender os anseios e a vontade, já expressos, da Comunidade Universitária da UFRGS. Em primeiro lugar penso que se aberá fazer um bom uso da sensatez. Outra coisa que penso que será levada em conta pelo Ministério é que a minha candidatura, o meu nome, não é vinculado a algum partido político. Isto é importante como colocação de condição de não-atrelamento. O atrelamento é um fator que restringe, e é preciso que não fiquemos à mercê do jogo político. Não quero dizer, com isso, que o jogo político não seja válido, ele tem o seu valor, mas penso que ele não tenha lugar na Universidade. Volto a frisar que acredito que será respeitada a decisão da Comunidade Universitária.

BISTURI — Caso o Ministério da Educação não acate a decisão da Comunidade, jás que é um poder que ele tem, qual à mobilização Universitária que esperas? Poderíamos ter a repetição da Bahia, onde há grev da UFBA, pela não-indicação do primeiro nome da lista sêxtupla?

FERRARI — A princípio, não creio que haveria uma repetição da Bahia, onde a greve é justa. Não trabalha sobre a hipótese de que o nome indicado pela Comunidade Universitária não será o escolhido. Prefiro, isto sim, começar a trabalhar, junto com alunos, professores e funcionários, para montaros o esqueleto da gestão da nova Reitoria da UFRGS. Visando isto, já começamos pelos Grupos de Trabalho, que incluem representantes dos três segmentos, que já estão funcionando com o objetivo de estruturar uma proposta.

BISTURI — Ferrari, na tua opinião, qual deve ser a função social da Universidade, visto que nem todos os profissionais que estão ou saem dela não têm uma noção exata do seu verdadeiro papel?

FERRARI — Podemos colocar, a princípio, três eixos básicos de uma Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. Penso que estes têm que passar por um amplo debate. Devemos reforçar sempre o Ensino, devemos fazer participação com qualidade Devemos repensar e redefinir a função da Pesquisa junto à Comunidade em geral. E devemos redefinir a relação da Universidade com a Comunidade, que hoje chamamos de Extensão. Penso que a relação, num processo dialético, deva ser de duas mãos, nunca uma relação de mão única. A Universidade tem a dar e rece-

TOR ELEITO

ber, e penso que tem que receber, e deve receber para crescer. Deve haver um debate de toda a Universidade quanto à função social. Penso que devemos democratizar sem baixar a qualidade, sempre avançando. Democratizar não é sinônimo de perda de responsabilidades, pelo contrário. Então, penso que devemos colocar as coias boas da Universidade à Comunidade em geral. Um exemplo foi a exposição Leonardo da Vinci. Eu mesmo fui visitá-la, trouxe minha família, gostei e acho que iniciativas como aquela devem ser preservadas e estimuladas.

"Devemos traçar uma política de pesquisa que possa contribuir para melhorar a Sociedade"

3

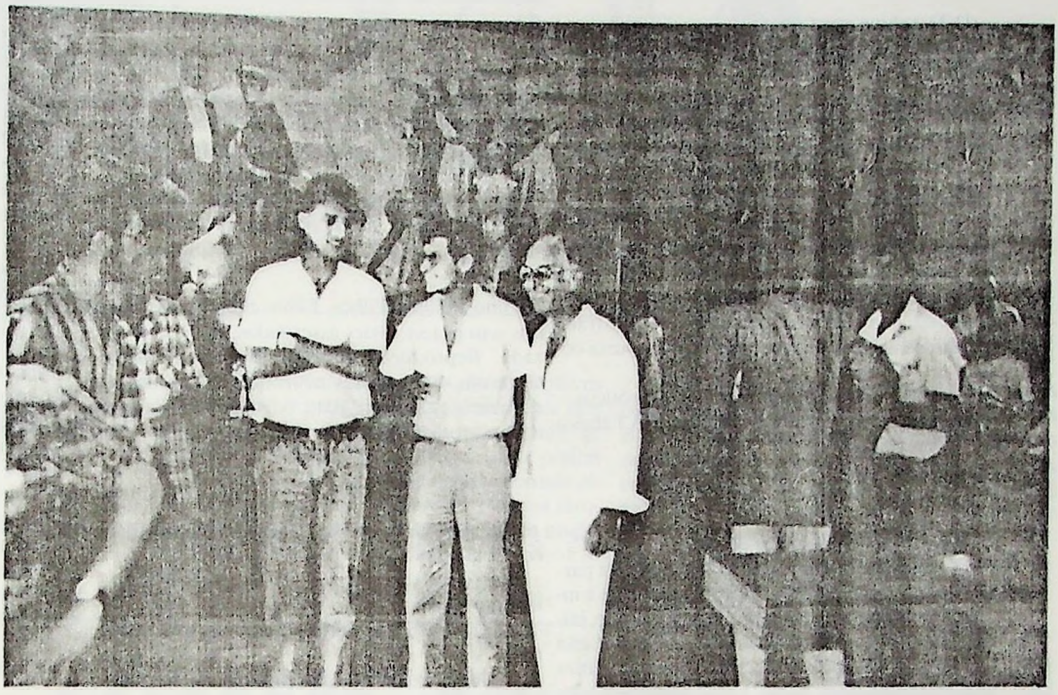
BISTURI — Ferrari, qual a sua opinião sobre a função de transformação da Sociedade pela Universidade e as influências de uma sobre a outra, mesmo com profissionais engajados em prol da sociedade, na pesquisa?

FERRARI — Não se pode esperar que transformar a Universidade seja sinônimo de transformar a Sociedade. A proposta é de transformarmos a Universidade, mas esta está inserida num contexto. A Universidade é um campo de repercussão. Deve-se orientar um trabalho para influir para mudanças, contribuindo para elas. Devemos traçar uma política de pesquisa que possa contribuir para melhorar a Sociedade, que melhore as condições da população em diferentes áreas, como, por exemplo, habitacional ou de saúde. Penso que se conseguirmos primeiro resolver, aqui na Universidade a questão Saúde, será um grande passo para um avanço maior. Não se deve ter a ilusão de que mudar a Universidade mudará a Sociedade.

"Somente acabar com o Vestibular não resolve nossos graves problemas de Ensino, o problema é mais de Estrutura".

4

BISTURI — Prof.º Ferrari, qual sua opinião sobre o atual ingresso de estudantes na Universidade, o contexto atual do Ensino, tanto secundário como profissionalizante? E quanto à questão Ensino Público X Ensino Privado?



FERRARI — Primeiro, achoa que deve ficar bem claro que não estaremos resolvendo alguma coia se simplesmente acabarmos de uma vez com o Vestibular. Penso que o caminho não é só restringir a isso. Devemos penar em termos de ENSINO como um todo, que envolve tanto aprendizado a níveis primários, secundário e profissionalizante. Somente acabar com o Vestibular não resolve nossos graves problemas na área da Educação e Ensino, o problema é mais de estrutura. Dentro da segunda idéia, penso que o Ensino privado deva ter seu espaço, mas deve sim concorrer com o Ensino público e Gratuito, que deve ser uma iniciativa do Estado, que deve dar condições iguais para todos. O que também não pode continuar ocorrendo é o Ensino Privado receber dinheiro público, como está acontecendo no momento.

BISTURI — Qual a sua opinião sobre o Centro Cultural da UFRGS?

FERRARI — Penso que o Centro Cultural deveria passar por uma ampla discussão tanto a Comunidade Universitária quanto geral. As pesquisas, a arte, devem ser mantidas e impulsionadas, mas não pode ocorrer a atual relação de "mão-única", que poderiamos chamar de "sopa dos pobres". Deve haver a relação de duas mãos e a Universidade, além de dar, tem que receber, e deve receber da Comunidade em geral. Ainda não há uma proposta, por nossa parte, definitiva sobre o Centro Cultural, mas, a princípio, penso que ele deve ser apenas rediscutido, reavaliado e, talvez, readaptado se necessário.

"O papel do movimento estudantil é importante, por não procurar simplesmente desestruturar alguma coisa, mas sim a sua melhoria"

BISTURI — Ferrari, qual a sua opinião sobre a Estatuinte que deverá ocorrer em breve na UFRGS?

1

FERRARI — A mudança do Estatuto da Universidade não é novidade quanto a anseio. Primeiro haverá a convocação de um Conselho Universitário e depois uma Estatuinte para reestruturação da UFRGS com projetos concretos. Deve-se discutir muito o processo, levando em conta outras referências de Universidades no país que já tem experiências deste tipo, numa intercambiação saudável e proveitosa, para então tirarmos um encaminhamento. Penso que deve haver aí uma participação igualitária de professores, estudantes e funcionários, e também da Comunidade em geral. Também não podemos ser autoritários de chegar e colocar uma proposta pronta. Devemos primeiro definir pontos, receber sugestões para então realizarmos a Estatuinte como Documento.

5

BISTURI - Ferrari, qual a tua visão e avaliação da importância do Movimento Estudantil?

FERRARI — Desde o início do século os estudantes já vêm nos mostrando suas forças em várias conquistas. Isto atingiu, se podemos dizer, um clímax em maio de 68, na França, numa manifestação que mexeu com os costumes de todo o mundo ocidental. É um papel importante, o do movimento estudantil, por sempre estar ao lado das propostas progressistas, não procurando simplesmente a desestruturação de alguma coisa, mas sim a melhoria. Um exemplo é a busca de novas alternativas para melhorar o Ensino. O não-compromisso com a situação, a renovação de idéias, este tirar constantemente a tranqüilidade, o conforto de alguém que gosta de estar sentado conformado é um papel dos mais importantes. Devemos caminhar lado a lado com os estudantes, para atingir nossos objetivos, que me parecem são comuns. Penso que um bom meio disso acontecer é a descentralização de poderes de decisão.

N.R.: Por motivos de espaço, algumas opiniões do Prof.º Alceu Ferrari foram resumidas. A entrevista em seu conteúdo integral pode ser encontrada no CASL para os interessados.

Biblioteca
FAMED/HCPA

DIÁRIO DO VIETNAM

DIÁRIO DO VIETNAM
(Memórias de um ex-internado do CAISM)

1) The show must go on

Detesto ser anal. Preferia falar de coisas belas. Mas...

Esteira rolante com mulheres (*)

Linha de produção cirúrgica industrial.

(*) Mulher: conjunto "integrado" de vagina, útero, trompas, ovários e mamas.

Nenhum rosto, nenhum nome

Na dúvida: "Donaaaaa...", ou "Filhinha, abre bem as perninhas que o tio vai por um aparelhinho por baixo...".

Alta rotatividade, alta produtividade. Filhos, tumores, não importa; o importante é extrair! Extrair sempre e cada vez mais. Não importa como.

Linha de produção industrial de neuróticos.

Neuróticos aos quilos, as toneladas. A Fábrica não pode parar...

2) Nascer

Há dois tipos principais de parto "normal":

No primeiro, a mãe chega em trabalho de parto. O feto é considerado prematuro e a mãe é internada para inibir o trabalho de parto. Inibe, inibe, inibe... Quando se acha que o feto já está maduro, deixa-se de inibir, mas a mãe não entra mais em trabalho de parto. Então começa-se a induzir o parto.

Induz, induz, induz... Nessa altura, depois de vários dias de indução, diagnostica-se sofrimento fetal agudo pela indução e o parto finalmente ocorre numa cesariana de urgência. O recém nato era de pós-termo.

O outro tipo de parto "normal", com características peculiares, é aquele realizado em primigestas. Nesse caso, além das características já descritas, ocorrem novidades, e a principal delas é que se usa **FÓRCEPS**. Sempre. (Exceto na greve dos residentes, é claro). Segundo os magos docentes, é para "alivio" materno-fetal. Outros já colocam que seria para alívio do aprendizado compulsivo do R1. De qualquer forma, todos colocam que se não faz bem, mal também não faz. Não esmaga o craniozinho nem destronca o pescocinho, portanto, mal não faz. Nem sequer altera o Apgar (um índice TÃO sensível). Claro que às vezes também dilacera o colo uterino, mas isso... E tem também aquelas crianças nascidas a Fórceps que quando atingem 2-3 anos de idade e você pergunta como foi que ela nasceu, ela responde: "...não nasci, fui arrancada...". Mas isso não aparece no Apgar.

Nascido (ou arrancado) o concepto, ocorre um momento singelo, onde este é delicadamente colocado num carrinho e abandona a sala em alta velocidade rumo à sala de recepção de recém-natos, enquanto a mãe pergunta: "Era menino? Era menina?".

Para recepcionar o R.N., foram acordar um interno fresquinho e bem disposto (da Neonatologia) que vem especialmente para meter-lhe um tubo pelas narinas até o estômago e sugar-lhe as entranhas. Chupa, chupa, chupa... Esse fato trará doces recordações ao R.N., que por vários dias permanecerá com o nariz entupido e espirrando, sem conseguir mamar direito. Certamente irá se lembrar com muito carinho do interno que o recepcionou, seu primeiro contato com este mundo...

Depois de costurarem a mãe, e "tratarem" o bebê (injeção e vit. K e colírio de Nitrato de Prata que vai ocasionar conjuntivite química) em algumas horas este vai para junto da mãe, ocasião em que poderá mamar seu leite com cloranfenicol. Isto tudo, é claro, supondo que o parto foi absolutamente normal. Ainda bem que gravidez não é doença...

Filhos, Filhos, Filhos. Filhos como ratos, gerados sem prazer, mães assexuadas, parto esterilizado. Reprodução de ratos, de mão-de-obra. Controle social. Mães neuróticas reprodutoras de neurose generalizadas. Médicos neuróticos, reprodutores da doença mental social.

3) Morrer

CECAN. Estágio de Thanatologia. Morte controlada.

Morrer não pode: sinal de fraqueza, covardia, incompetência.

Um, dois, três, respira... Um, dois, três, respira...

A ordem é viver, não importa como. Com seus tubos e suas dores: VIVER. Sem seus órgãos, sem cabelo, sem vida: VIVER.

Não são mulheres: são tumores, metástases de suas próprias existências.

Encruzilhada Fatal: (Des)Esperanças, Angústia, medo, dor.

A vida passando a limpo. Dúvidas... Nenhum contato humano. Catarses proibidas (Não há tempo para isso, temos uma batalha pela frente!).

Os doutores estrategistas planejam as armas: Metrotrexate ou Platiran? Quantos rads será que ela agüenta? A cirurgia será radical?

Já os doutorzinhos fazem a "evolução" de final de semana:

— ("Será que eu vou morrer??")
— Fez cocô? Fez xixi? Dormiu bem?
— ("Afinal, que doença eu tenho??")
— Respire fundo...
— ("Não tem mesmo cura???")
— Deixe a barriguinha bem molinha...
— ("Tenho medo!")
— Tudo bem. Até amanhã! (que Amanhã não estarei aqui)

(E não ouse mobilizar meus sentimentos mal elaborados!).

Pacientes largadas; Angústia contida. Espectros humanos aguardando na porta por um cego de branco que lhes dê atenção: — "Deixe-me tocar suas vestes"; "— Beije-me", — "Cure-me". E ao Cristo em questão só resta usar do spray de Diazepan; Pulverizar a enfermaria, não para que elas durmam, para que ele durma. Durma e tenha pesadelos.

4) Sobre o Poder, a Ciência e os Banheiros

A estrutura física dos prédios reflete magicamente a estrutura de poder e hierarquia entre os seres. Corredor dos alojamentos médicos: Num extremo, o leito real daqueles que dormirão toda a noite: banheiro com chuveiro, janela, papel higiênico, vídeo-cassete... Quarto dos docentes. Casa Grande. Em direção ao outro extremo do corredor a senzala, graduada de acordo com as plaquinhas nas portas. Residentes: Banheiro com janela, papel higiênico... Residentes + Internos: Banheiro **sem** janela...; Internos: SEM BANHEIRO! Nem cortina na janela, em frente à qual existe um holofote apontando bem dentro do quarto. Interno alerta não veio para dormir: Tem que trabalhar noite adentro.

Ouça quieto o que lhe digo, não questione minhas condutas, não enxergue meu erro (que eu não erro). Eu o tenho em minhas mãos, eu o vigio, posso puni-lo, reprová-lo. Meu poder emana da ciência, do conhecimento que possuo e você não. É o aprendizado da desigualdade. Quem sabe mais manda. Cobra. Pune. Escala graduada de marionetes, fluxo contínuo de mau-humor e agressividade, desde até o pontapé final que é recebido pelo cachorrinho do filho do paciente. Importa é o interno aprender o uso do poder que seu conhecimento lhe permite sobre os pacientes. Família CAISM. A hierarquia patriarcal, reprodução familial. De pai para filho desde há 6 mil anos atrás...

5) O Bisturi e o Bicho Papão

Slipt, Split, Splet, corta-corta bisturi, corta rapidinho prá eu "papar" mais cirurgias...

Unidades Mash 4077. Corte rápido que os helicópteros não param de chegar. A guerra, lá fora, continua..

6) Didática Matemática

Panela de Pressão: esquema de cozimento rápido, alta temperatura, nenhum sabor, baixo teor nutritivo...

Ritmo alucinado, contínuo dia-noite — dia, luzes baixas, baterias de emergência em funcionamento para manutenção basal da vida em forma de inércia teimosa. Não há energia para ações supérfluas como pensar, estudar, se conscientizar. O lúdico é contra-producente. Comer desperdiça tempo. dormir é dispensável.

Receitinhas de bolo. Aprender a medicalizar a sociedade. Saber o mínimo para "tocar o serviço".

"Aprender o que fazer sem saber o que está fazendo!".

E tudo para o seu benefício.

A lógica que seguem é a do gráfico A: Quanto maior a densidade de serviço (quantidade de serviço/aluno/tempo) maior o aprendizado, numa relação que segue em linha reta "ad infinitum". Esta é a filosofia mecanicista daqueles que imaginam homens como máquinas. Mostra bem que não entendem de gente, porque não trabalham com gente. Trabalham com doenças, fetos, tumores: não gente! Mostra bem que entendem internos e residentes como máquinas, servis aos interesses produtivos, nada mais.

A curva real de desempenho do aprendizado x densidade de serviço é aquela do gráfico B.

7) Melhoramentos

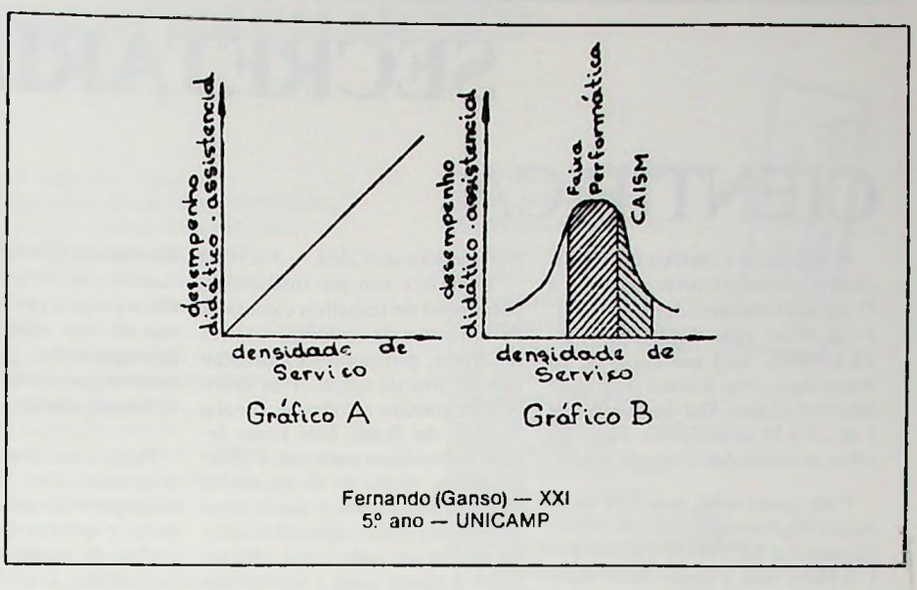
O estágio no CAISM, excetuando-se o regime de alta-pressão e outras coisas, é semi-desestruturado-vinculado (vide proposta de reestruturação global do ensino médico), ou seja, dentro do internato é o modelo que chega mais próximo àquele que defendemos na proposta, como ideal. Este ano, entretanto, o ensino da semiologia ginecológica caiu para o 4º ano, ocorrendo assim, uma desvinculação parcial deste modelo, passo que vai frontalmente contra o caminho proposto pelos estudantes. Não considero uma mulher de pernas abertas e um grupo de alunos aprendendo a espetar um espéculo no alvo, sem a responsabilidade assistencial personalizada no executor da manobra, como avanço curricular.

8) Adendos Finais

É importante ressaltar que as considerações acima não refletem, de forma alguma, o pensar da maioria. Nem dos internos, nem dos residentes, nem das pacientes.

Os internos, enfadados por um curso medíocre, regozijam-se de poder por a mão na masa (e se lambuzam...), e é o que basta.

As pacientes, acostumadas aos açougues da vida, e não cientes de seus direitos (achando tratar-se de "favores") agradecem em coro ao tratamento recebido.



Fernando (Ganso) — XXI
5º ano — UNICAMP

Também reconheço aspectos muito positivos nesse serviço, e pessoas (poucas) ótimas que nele trabalham. Mas isso tudo fica muito diluído em um cenário predominantemente doentio; preferi deter-me neste último, por ser o mais desconhecido e aquele que mais me marcou. Haveria também muito mais a dizer, e considerações muito mais profundas a serem tecidas, mas o espaço é limitado, e aí...

Também não pretendo estabelecer uma lógica retilínea de culpabilidade maniqueísta. Não há culpados nem inocentes. Não existe opressor sem oprimido, dominador sem dominado. São **todos** engrenagens submissas a uma estrutura doente. É na mesmice amorfa e impensada do dia-a-dia que se consuma e edifica o Thanatos.

Nesse joguinho medíocre só há perdedores. Todos perdem. Só quem perde é a vida.

CONEEM - Botucatu

Biblioteca
FAMED/HCPA

Relizou-se em Botucatu — SP, nos dias 16 a 18 de abril o II CONEEM/88 (Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Medicina). Este consiste no encontro, com intuito de discussão, deliberação e encaminhamento das diversas atividades que congregam o M.E. de Medicina, de representantes dos diferentes CA'S e DA'S. Deste modo consegue se encaminhar de maneira efetiva nosso trabalho, já que evita-se o enorme hiato entre um ECEM e outro.

Neste CONEEM, contamos com a presença de 33 escolas, sendo a participação considerada relativamente boa. Importante ressaltar o grande número de escolas presente pela primeira vez, o que nos parece, sem dúvida, um avanço do movimento.

Mas tu poderias perguntar, o que se discute? Para que todo este deslocamento de pessoas?

Parece-nos importante colocar que as questões levadas às discussão abrangem desde pontos mais "gerais", até pontos mais "específicos" de nossas lutas diárias dentro do curso, mesmo porque, desvincular as questões específicas torna-se impossível no momento em que temos uma visão mais abrangente da sociedade em que vivemos e do processo de transformação que se faz necessário para a real modificação do sistema que hoje faz-se presente e atuante. Deste modo, a partir de um marco referencial, discute-se os diversos pontos e propõem-se formas de encaminhamento que deverão ser levadas a termo, de forma unificada e portanto, com maior força de consistência, pela totalidade do CAs e DAs de Medicina do país, que hoje participam efetivamente do movimento estudantil organizado de Medicina.

Desse modo, creio que ficou claro que seria impossível relatar os diversos pontos discutidos então, também porque tornaria este texto enfadonho e de grande poder sonífero. Optei, pois, por alguns pontos que pareceram ser mais indutivos da curiosidade e interesse das pessoas, pelo que colocamo-nos à disposição para conversar e discutir com os interessados, de maneira mais aprofundada, o que nos seria de grande agraso, e ao mesmo tempo quegraria a unilateralidade, em um primeiro momento causada por este tipo de relato.

Assim:

O ponto sobre Frentes de Trabalho, iniciou com a apresentação do grupo que participou da primeira experiência em Fortaleza, nos meses de Janeiro e fevereiro, com projeção de slides, relatos e posterior discussão. Após a avaliação do trabalho definiu-se pela traformação de monitores para as Frentes, o que estaria incluído em um projeto, com a coordenação a nível nacional responsável pelo treinamento. Seriam escolhidos até duas pessoas por CA ou DA, preferencialmente de terceiro e quarto ano (com semeologia), o que ficaria a cargo de cada entidade. Essas Frentes nacionais se realizariam somente em janeiro e fev. de 89 e teriam a participação de pessoas que desenvolvessem trabalho em uma Frente regional (julho de 88). As discussões devem iniciar logo, a nível dos CAs. No CASL, procurar Assessoria de Ação Comunitária da DENEM.

No ponto sobre Ensino Médico, várias questões foram discutidas. Entre estas, a "avaliação Prospectiva do EM proposta pela OPS", com a discussão girando em torno do marco teórico do programa e, ao final, optando-se pela adaptação do mesmo aos nossos interesses, o que deverá ser feito pela Asssessoria de Ensino da DENEM. Definiu-se, ainda, pela discussão nos CAs, das chamadas "linhas de Pesquisa", definidas como "pontos de estrangulamento" do EM (Internato rural, Saúde mental, Medicina Social, Ensino de Emergência e Currículo paralelo) juntamente com a elaboração, pela Assessoria de Ensino, de documentos e instrumentos para aplicação nas Escolas.

Um tema polêmico foi a questão da implantação do "Currículo experimental" ou "Paralelo", dentro dos moldes colocados por nossa proposta de transformação do Ensino Médico (vice Jornal do XVIII ECEM de Campinas). Afinal, até que ponto é válido criar um currículo paralelo ao tradicional, com um marco teórico avançado, em uma sociedade conservadora?

Os próximos pontos, relatarei de forma esquemática:

— Brigadas para a Nicarágua
Inscrição até 31 de maio
Tempo: 30-40 dias (início em metade de Janeiro de 89)
Custo : 1000 dólares

— Dia Continental de lutas
14 de junho de 88
"Pela Saúde do Povo Latino-Americano e pela Transformação do Ensino Médico".

Alguns pontos já serão discutidos neste mesmo jornal, outros entrarão em outras edições, por merecerem especificidade, não terem urgência de divulgação e/ou ainda, por necessitarem maior elaboração.

SECRETARIAS

CIENTÍFICA

A secretária científica do CASL está promovendo, neste semestre, a 1ª parte do seu curso de emergência. E vai iniciar pelas CARDIO-VASCULARES. Será um curso de 16 horas/aula, com 8 temas de grande interesse na área. Dar-se-á de 06 a 09 e de 13 a 16 de JUNHO. Fique de olho, as inscrições serão em breve!

Para quem sabe, mas está meio esquecido, e aos que não têm conhecimento, a REVISTA CIENTÍFICA DO CASL é órgão de divulgação científica do CASL — FAMED — UFRGS e tem por finalidade a publicação de trabalhos científicos de estudantes de medicina, médicos residentes, professores e profissionais da área de saúde. Tem distribuição gratuita a todas as Escolas Médicas do Brasil, bem como órgãos indexadores nacionais e internacionais, sendo tb divulgada no exterior. Além disso, é citada como bibliografia para exames de residência médica em todo o país. No entanto, a alguns anos, a Revista tem encontrado dificuldades em manter seu alto nível de qualidade, bem como a própria periodicidade semestral de suas edições. Isto deu-se principalmente por dificuldades econômicas, porém o fator humano tb foi importante.

Hoje, a sec. conta com maior nº de pessoas. Este grupo conseguiu sanar parte das dificuldades econômicas, e agora procura firmar-se no sentido de aumentar a efetividade do trabalho. O nº 01 do volume 44 já está na gráfica e estamos recebendo trabalhos para a edição nº 02 do mesmo vol. q. deve sair em breve. As NORMAS PARA PUBLICAÇÃO estão descritas na pág. 04 da última edição, seu último nº.

ECEM — As normas para envio de trabalhos científicos e monografias ao XIX ECEM, bem como a folha-padrão p/envio de resumos, encontras no CASL. Procure os representantes da sec. Os prazos para envio é 15.06 e o prêmio de 40 OTNs.

MEDICINA COMUNITÁRIA

A sec. conta atualmente com um grupo renovado que voltou da Frente de Trabalho. São nove pessoas, mas há trabalho para muito mais. Estamos organizando um curso na área de Med. Comunitária para o 2º semestre de 88. Fique de olho, pois envolverá atenção primária em saúde, entre outras coisas. Além disso, há reuniões nas quartas as 18 horas para discussão de textos e planejamentos. Estamos tentando agitar a turma para uma nova frente de Trabalho, provavelmente no final do ano, e, se houver possibilidade, um trabalho comunitário na região da grande Porto Alegre, para breve. Informe se!

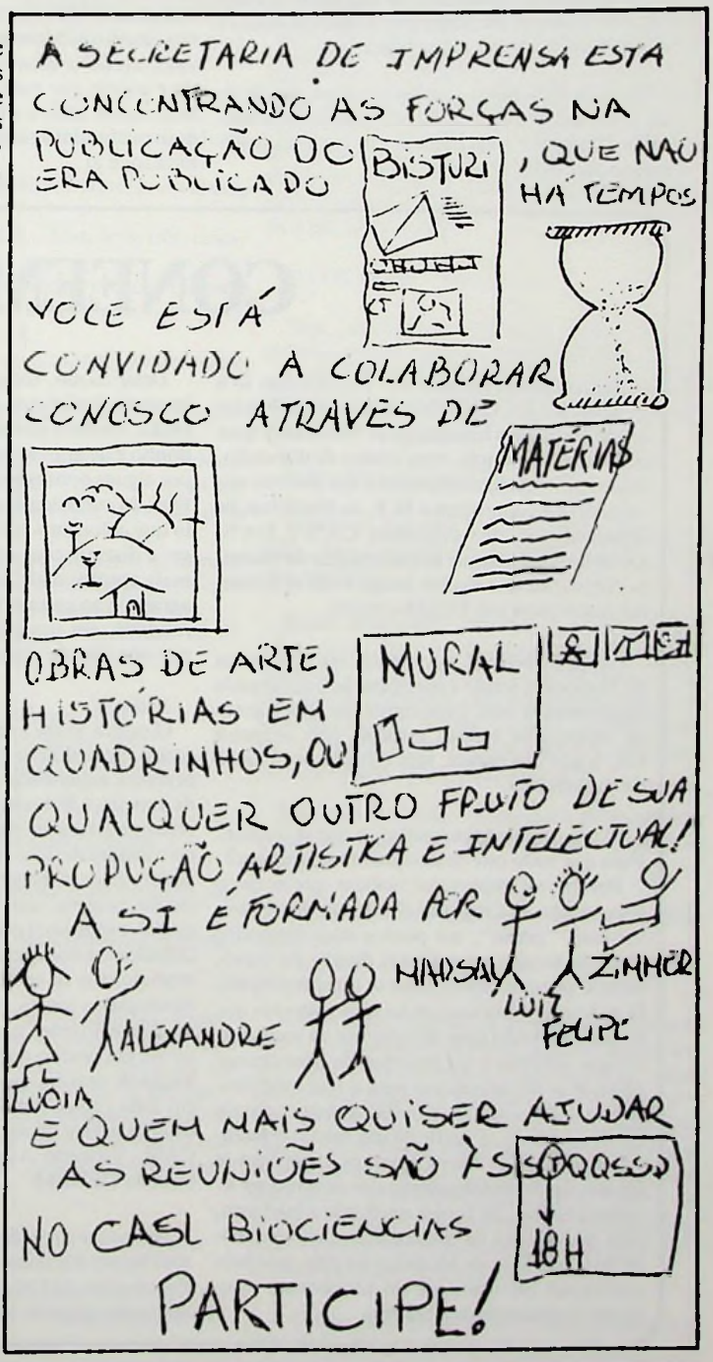
ESPORTES

OREM — AS I OLIMPÍADA REGIONAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA acontecerá junto ao II EREM, em Santa Maria, nos dias 28, 29 e 30 de maio, e deverá contar com a participação de estudantes das 10 escolas da Regional Sul I (RS e SC). A inscrição das escolas já começou e teremos Futebol de Salão, Basquete, Volibol, Handebol, Atletismo e Natação, masculino e feminino. As duas melhores equipes em cada modalidade e os quatro melhores atletas nas provas individuais estarão classificados para a Olimpíada Nacional — ONEM — em julho, em Belo Horizonte. A formação de nossas equipes dar-se-á pela avaliação das Olimpíadas internas, interesse e disponibilidade a ir a Santa Maria da Boca do Monte. Delegação ao I OREM — 19/05, 18hs. no CASL.

V OLIMPÍADA MEDICINA (Interna) — após a bem disputada modalidade de futebol de salão teremos futebol, basquete e outras modalidades. Após este semestre, percebe-se que os 1ºs vem com toda a força em grande participação. A tradicional 90/1 não deixou por menos e ganhou o futebol de salão, e já venceu a 93/1 no Futebol. São sérios candidatos. A "vovó" 89/1, apesar do bom 3º lugar no Futebol de Salão, levou WO no futebol e já pensa em aposentadoria compulsória. A 89/2 não fica atrás e diz que só participa do futebol. A 90/2, campeã do volibol masc. e de grande basquete novamente não conseguiu mobilização (pelo menos no Esporte). A 91/1, campeã do futebol, intitula-se esquadra Azul e diz que a modalidade já está no papo. A 89/2 já preparou os broncodilatadores e tubos de oxigênio para seus "atletas". A 91/2 venceu a 92/2 no futebol (com Sarmento Leite no gol e tudo!). Em entrevista, os perdedores explicavam: facção surfista (+ 8): entramos na onda do adversário e nos ferramos. Vamos prá outra, quem sabe em Atlântida... (reconhecidos pelo bermudão); Luis Felipe: "resultado NATURAL"; Sarmento Leite: o gol saiu em um "piscar de olhos", nem vi a bola; Chou: "por isso que eu não joguei"; Alexandre, Márcio e Gérson: "vamos nos reabilitar na sinuca, que pelo menos lá tem o Barba prá jogar conosco". A 93/1 e a 93/2 vem com tudo. É a nova geração, a mil pelo Brasil, tendo como patrono um certo professor da Histologia, que não deixa de elogiar "como eles são comportados". CLASSIFICAÇÃO PARCIAL:

1º — 90/1 — 10 pontos; 2º — 93/2 — 08 pts; 3º 89/1 — 06 pts.

IMPRENSA



CULTURA

ENTALHES DE UM CALABOUÇO

Biblioteca FAMED/HCPA

É HORA DE UMA BASTA
Para podermos definir
a razão do porque estarmos sozinhos.
Basta, Pois, de sonhos infantis,
Os quais não trazem vantagens,
E não se expressam unicamente por si.
Basta de melancolias falsas
Que aos sentimentos não fazem bem.
Chega de olhares perdidos,
De pseudocaminhos,
Porque não levam a lugar algum.
Basta de velhas canções,
DE tradicionais mansões

Que não fornecem ganho nenhum.
Esqueça os amores desfeitos,
Dos árias contratempos
No mundo dos espertos.
Pois menos vale um bom aspecto
Que uma mente de intelecto.
Chega de histórias fantasmas,
De grandes piadas
Que não mais possuem graça.
Basta de leigos veteranos,
De jovens desamparados
Em futuros estranhos.
Esqueça as maneiras galantes
E os provocantes sorrisos dos amantes.
Porque nem tudo é fácil nestes dias
Sempre chuvosos nas partidas,
Sempre brilhantes nos retornos.

Quem traz uma revolta
No coração adulto envelhecido,
Parte com ele para a terra dos vencidos.
O ser que vive na escuta,
E depois leva a palavra
Destorcida e repleta de ironia,
Não tem sequer memória
Para requerer à conduta.
Chega, portanto de tantas hipocrisias,
Dos judas e de outros perdedores,
Pois logo se vai a boa quantia
Ficando apenas os dissabores.
Basta de guerras frias
Porque estas não aquecem o coração.
São as correntezas do rio da desgraça
Que deságuam na incompreensão.
Não basta de guerras,
De violências esperas
Por quem nunca mais voltará?
Não chega de encruzilhadas,
Dos passos apagados

De homens que se dão a lutar?
Que luta é esta?
De vida ou de morte;
Do físico ou do psíquico,
Ou simplesmente,
Um passo a mais para dar?
Ponto final aos vereditos,
Aos falsos arbítrios
Para quem quiser Parar!

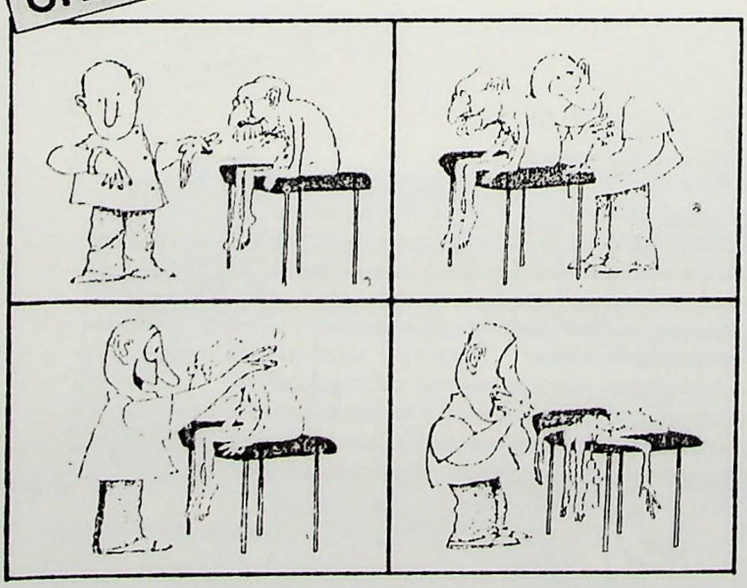
Parem de pousar suas asas
Onde não se podem afirmar.
Pois mesmo sem palavras
Um pássaro sabe se comunicar,
Não é o canto ao alvorecer
Ou o voar livre, mas ameaçado.
Porém, o espelho de um ser
Que esqueceu do pecado.
Não se encontra razão
Para tal situação.
Não se sabe ao certo
Qual a resolução.

Mesmo assim, todos sabem
De algo muito perto
Que Pode nos socorrer:
Um amigo amigo
Sem nada querer
Um colorido novo
Na mentalidade do povo.
Um pai que estende a mão
Sem pressa para guiar.
Um pensar filosófico
Entre as poesias da vida.
Uma luta pela paz
Que não será esquecida.
Um brilho gigantesco
Que sai da órbita dos códicos
Estabelecidos nas ondas do mar...
Um caminho perdido,
O qual ficou entre os arabescos
Do rumo do destino.
Um pouco do que conhecemos
Para realizar um feito
Tão bem feito, que será
Denominado perfeito
E muito mais...
Mas basta de tudo
Chega do nada que nos envolve.
Pois nada mais nos comove
Neste calabouço chamado mundo.

MARCIA MURUSSI
2.º Semestre Medicina UFRGS

Classificada como
"Destaque" no VI
Concurso Nacional
de Poesias de 1985
em Brasília — DF

CHARGES



EXPEDIENTE

Secretaria de Imprensa:
Marsal, Luis Felipe, Alexandre (3º Sem.), Lúcia (5º) e Zimmer (9º)

Biblioteca FAMED/HCPA